

**ANÁLISE DAS HQS NORTISTAS:
A REPRESENTAÇÃO DE GÊNERO NOS
QUADRINHOS AMAPAENSES**

**ANALYSIS OF NORTHERN HQS:
GENDER REPRESENTATION IN
AMAPAENSES COMICS**

**ANÁLISIS DEL CÓMIC NORTEÑO:
REPRESENTACIÓN DE GÉNERO EN EL
CÓMIC DE AMAPA**

Luhana Baddini Lucas Costa¹

Ivan Carlo Andrade de Oliveira²

¹ Bacharel em História pela Furg, Rio Grande-RS. Especialista em Estudos Culturais e Políticas Públicas e graduanda em Jornalismo pela Unifap, Macapá-AP. E-mail: luhanasonha@gmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5676184466396357>;

² Jornalista, Doutor em Arte e Cultura Visual -UFG Goiânia, Goiás. Professor do curso de Jornalismo da Unifap, Macapá -AP. E-mail: profivancarlo@gmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7689186601810696>; Orcid id: <https://orcid.org/0000-0002-5471-1807>.



RESUMO

O projeto de pesquisa apresenta quadrinhos amazônicos que exploram as vivências e as imaginações locais, de uma perspectiva decolonial e de gênero, em uma análise e apresentação das produções de importantes autores Amazônidas e amapaenses e das artistas Natalia Muniz e Thai Rodrigues.

PALAVRAS-CHAVES: Quadrinhos, Amazônia, Decolonial, Gênero.

ABSTRACT:

The research project presents Amazonian comics that explore local experiences and imaginations, through a decolonial and gender perspective, in an analysis and presentation of the productions from Amazon and Amapá natives important authors and the female artists Natalia Muniz and Thai Rodrigues.

KEYWORDS: Comics, Amazon, Decolonial, Gender.

RESUME

El proyecto de investigación presenta cómics amazónicos que exploran las experiencias e imaginarios locales desde una perspectiva descolonial y de género, analizando y presentando las obras de destacadas autoras y artistas amazónicas y amapá, Natalia Muniz y Thai Rodrigues.

PALABRAS-CLAVE: Cómic, Amazonía, Descolonial, Género.

INTRODUÇÃO

No vasto universo dos quadrinhos, o papel das mulheres e sua representação têm sido temas cada vez mais discutidos e explorados. No contexto específico dos quadrinhos amazônicos, essa discussão adquire contornos ainda mais relevantes, uma vez que se trata não apenas de uma expressão artística, mas também de um reflexo da diversidade e das narrativas culturais da região.

Neste artigo, exploraremos a intersecção entre o gênero feminino e os quadrinhos produzidos no Amapá e na Amazônia Oriental, investigando como as mulheres são retratadas, suas contribuições para o meio e os desafios enfrentados tanto pelos personagens femininos quanto pelas próprias autoras em um cenário, muitas vezes, dominado por perspectivas masculinas. Ao mergulharmos nessa análise, buscaremos não apenas compreender a representação das mulheres nos quadrinhos amazônicos, mas também destacar o potencial dessas obras para ampliar vozes, quebrar estereótipos e promover uma maior inclusão e diversidade dentro do universo das histórias em quadrinhos.

Em meio a um mar de quadrinhos comerciais e padronizados, alguns artistas encontram uma nova audiência sedenta por algo mais autêntico, mais profundo. E assim, nesse intenso mercado de quadrinhos no Brasil, surge uma nova onda de inspiração e criatividade, mostrando que é possível ir além do óbvio e do comum. Os quadrinhos deixam de ser apenas uma forma de entretenimento e se transformam em uma poderosa ferramenta de reflexão e transformação social e decolonial.

Os artistas amazônidas, antes marginalizados e desacreditados, se tornam os novos ícones da cena cultural brasileira, inspirando uma geração inteira a buscar algo mais do que apenas o que é oferecido de forma massiva. E assim, os quadrinhos do Norte do Brasil se tornam um veículo de mudança e de renovação, abrindo espaço para novas vozes e novas ideias resplandecem no cenário artístico e literário nacional.

Para isso, utilizaremos a metodologia de análise de conteúdo, por meio de um estudo detalhado dos quadrinhos amazônidas selecionados, focando em aspectos narrativos, visuais e temáticos que destoam da colonialidade presente na maioria dos produtos culturais nacionais. Ademais, a pesquisa conta com entrevistas com as autoras e ilustradoras de quadrinhos da região, em *Os desenhos da Thai* e Natalia Muniz, junto a seus apontamentos, observações presentes nos depoimentos como participantes de

coletivos, eventos e discussões sobre quadrinhos na Amazônia.

DECOLONIALIDADE RELACIONADA A NONA ARTE

As teorias decoloniais têm ganhado destaque nas últimas décadas, trazendo novas perspectivas sobre a história, cultura, política e economia, especialmente a partir das experiências de povos colonizados. Diversas autoras têm contribuído significativamente para o desenvolvimento desse campo, oferecendo perspectivas valiosas e diversas sobre a colonialidade e suas implicações, enriquecendo o campo com suas experiências e análises únicas de povos que tiveram sua cultura, etnia e costumes exterminados e omitidos durante séculos. As quadrinistas, por outro lado, desafiam as narrativas hegemônicas e promovem uma compreensão mais inclusiva e complexa das dinâmicas de poder globais.

Minha experiência e iniciação no universo dos quadrinhos surgiu, como a de muitos brasileiros da minha geração, com a leitura de gibis da *Turma da Mônica*, de Mauricio de Sousa. Mesmo que Maurício tenha criado um estilo próprio, misturando comics e mangá, não deixa de ser colonial, uma vez que reflete a cultura do Sudeste. Sua equipe, inclusive, já começou a se preocupar com isso. Estão, por exemplo, colocando roteiristas do norte para escrever o Papacapim. Dessa forma, o que me fez mergulhar em HQs, a nostálgica *Turma da Mônica*, também me trouxe uma inquietação para explorar histórias místicas e mais adequadas à realidade em que vivo, a Amazônia Oriental e criado por mulheres, como eu.

A crescente necessidade de se fazer quadrinhos no Brasil e no mundo veio pela criatividade do homem em se expressar, mas também foi e continua sendo utilizada para disseminar conhecimento e expor opinião e crítica. Como afirma Márcia Catunda:

De acordo com Robson Santos Costa (2009), as histórias em quadrinhos podem ser vistas como mais um meio utilizado pelo homem para expressar seus sentimentos, suas crenças e seus valores. Compreender sua linguagem e as características que a singulariza é entender como esse gênero discursivo atua na contemporaneidade, produzindo discursos e, conseqüentemente, memória, sendo mais um instrumento que atua na construção da sociedade contemporânea. (Catunda, 2013)

Desse modo, as HQs são um tipo de resistência e reafirmam a existência. Sendo assim, a memória dos povos originários e o misticismo amazônica são o principal cenário das HQs nortistas, como forma de preservar os conhecimentos dos antepassados. Todavia, os quadrinhos amapaenses mostram que, além disso, há muita criatividade nas

questões culturais amazônidas, contendo não só o que esperam que se produza aqui (questões ambientais), mas também é possível se produzir algo universal na Amazônia, como veremos nas próximas páginas.

PRINCIPAIS QUADRINHOS DO AMAPÁ E DA AMAZÔNIA ORIENTAL

Para analisarmos os quadrinhos Amazônicos, precisamos entender que o colonialismo ocidental é o responsável pela invisibilidade deles causada pelo epistemicídio sociocultural intrínseco. Como apontam os pesquisadores Suely Aparecida do Nascimento Mascarenhas e Adan Renê Pereira da Silva da Universidade Federal do Amazonas:

Epistemicídio visualizado por Neves (2008, p. 1) como gerador de grande perda de conhecimentos e na afirmação do mundo moderno como resultado epistemológico dos europeus, em um “processo tão violento quanto sistemático de desqualificação das expressões diferenciadas de conhecimento, responsável pela colonialidade”, que até hoje sobrevive no pensamento latinoamericano. (Silva, Mascarenhas, 2018)

Portanto, devemos descolonizar o olhar para perceber que a produção de HQs tem seu valor e reflete a cultura, os costumes e as crenças negligenciadas pela grande mídia. As obras aqui analisadas tratam de temas atuais a partir das inúmeras possibilidades de sua linguagem, seja falando de lendas, do tipo de vida do Norte, costumes, desigualdade de gênero, violência urbana, racismo e autoestima.

Dessa maneira, para se desviar de esteriótipos dos povos indígenas, ribeirinhos e quilombolas, deve-se estimular a produção dos próprios nortistas nas artes, isso é prática do pensar decolonial, segundo Silva e Mascarenhas:

(...) a decolonialidade pode ser instrumento para repensar relações em sociedade, já que a colonialidade do saber e do próprio existir moldam, inclusive, subjetividades. No mesmo viés de Mascarenhas (2017), a autora também enxerga um aumento do paradigma colonial atualmente, batizando-o de “colonialismo interno”: um novo tipo de colonização engendrado pelo neoimperialismo e pela globalização. (Silva; Mascarenhas, 2018)

Essa colonialidade é capaz de produzir uma espécie de fetichismo amazônico, no qual a floresta e a biodiversidade são mais importantes do que os povos que nela vivem. Os quadrinhos amazônicos são um forte indicador e disseminador da cultura amazônica sem esteriótipos, além de uma ferramenta capaz de tirar os povos do Norte da invisibilidade.

(...) o colonialismo no passado e a colonialidade no presente produzem um epistemicídio, ou seja, a repressão sistemática às crenças, ideias, imagens, símbolos ou conhecimentos específicos que não serviram para a dominação colonial global, é o que denuncia Anibal Quijano (1992). (*apud* Silva; Mascarenhas, 2018)

O que diz o sociólogo peruano a respeito da imposição dos próprios padrões de expressão dos dominantes, assim como a imposição de suas crenças e imagens relacionadas ao sobrenatural, que não apenas impedem a produção cultural dos dominados, mas também são eficazes nas formas de controle social e cultural, quando a repressão imediata, como ressalta o autor, deixa de ser constante e sistemática.

A soberania colonialista nos quadrinhos é percebida quando, geralmente, o que encontramos nas histórias em quadrinhos são heróis que voam, que possuem uma superforça ou vestem armaduras. Entretanto, pode-se criar nos quadrinhos com a cara amazônica com personagens com essas características sem ser colonialista. O *OverMan*, da Laerte e *O Galha* são exemplos não colonialistas, embora alheios a Amazônia.

No ano de 2004, foi publicada a revista *Belém Imaginária*, que merece destaque por apresentar aos leitores uma versão fantástica e surrealista da cidade de Belém do Pará, misturando elementos reais e imaginários em uma trama cheia de mistério, aventura e fantasia. Esta *graphic novel* é mais uma prova do crescimento e reconhecimento do quadrinho nacional, mostrando que o Brasil possui uma produção rica e diversificada nesse meio.

Esse quadrinho, que foi criado por Wolney Nazareno, Fernando Augusto, Carlos Paul e Otoniel Oliveira, trata dos mitos e lendas da Amazônia de maneira acessível, sem a preocupação de querer ensinar o leitor de alguma maneira. O enredo consiste em acompanhar a vida de Saulo, um menino da capital paraense, que acorda numa Belém completamente diferente, onde animais andam, falam e se vestem como humanos e onde os malandros locais o perseguem.

Dessa forma, esta *graphic novel* é uma ótima opção para quem busca uma leitura envolvente, divertida e educativa ao mesmo tempo. Com uma combinação entre história e ilustrações, este tipo de quadrinho é uma valiosa ferramenta para estimular o pensamento crítico, a criatividade e o interesse pelo gênero pouco explorado.

Seguindo a linha temporal quadrinística, podemos destacar o ano de 2019 com a publicação de *A Última Flecha* de Emerson Medina e ilustrado por Romahs Mascarenhas, pela editora paulista Monomito. Ano este, em que tivemos também a publicação de *Capitão Açai* produzida em Macapá por Ronaldo Rony.

No ano seguinte, meio a pandemia mundial, roteiristas e desenhistas produziram em larga escala, como foi o caso de *Mao 39º*, criada pelo ilustrador Romahs, Emerson Medina, Leomar Belém, Beatriz Mascarenhas e Rafaela Pimentel e ilustrada por Romahs, Gusmão Silva, Ircmix, Le Smile, Levi Gama e Rodrigo Santarém em Manaus, pela editora Reggo em 2020.

Mesmo ano em que foram publicadas outras obras amazonenses, como a de mesma autoria citada, *Conto do Mato* volume 1, também contou com outros criadores, como Lorena Souza, Ivanildo Barreto, Valdo Alves e Lee Yami. Nesse ano de intensa produção, o livro *A Juricaba* de Ademar Vieira e Jucylande Júnior, uma produção do Black Eye Estúdio foi divulgada e *Sangue Branco* de Cristofer Ferreira e Paulo Victor foi realizada com o apoio do edital nº 007/2020 – concurso prêmio Manaus de conexões culturais da Lei Aldir Blanc, categoria literatura.

Em 2020 foram divulgados os dois volumes de *Trovão*, de Luiz Andrade. Com uma mistura de ação, intriga e drama emocional, *Trovão* é uma HQ que explora temas complexos como justiça, amizade e redenção. A produção traz uma realidade de reviravoltas, ação eletrizante e um final surpreendente. A sequência convida quem o lê a mergulhar em um mundo de perigos, traições e redenção, onde apenas os mais fortes e corajosos sobreviverão.

Há também o emblemático *O livro dos Barcos* de 2021 de Marsal Alves Branco, que conta a história do ano em que o protagonista, sem contar a ninguém, pega o seu veleiro e sai pelo mundo. Ao longo desse pocket book, compartilham-se experiências ao lidar com os desafios e dificuldades da vida a bordo, desde o mau tempo até consertar os problemas mecânicos do barco. Também descreve os momentos de solidão e introspecção, que os fizeram refletir sobre os motivos que o levaram a embarcar nessa jornada. Essa HQ transporta o leitor a uma realidade comum aos nortistas, onde barcos e canoas são parte do cotidiano e expressam a cultura ribeirinha e navegadores do maior rio do mundo.

O período de 2021 foi de ampla produção para as HQs nortistas, ano da publicação do segundo volume de *Contos do Mato e Jungle Comix* de Ademar Vieira, que já se mostra experiente junto aos seus parceiros Romahs Mascarenhas, Valdo Alves, Jucylande Jr. e Cecília Frazão. E em 2022, foi publicado o livro *Mao Pin* dos autores já citados, Emerson Medina, Levi Gama, Rafa Pimentel, Beatriz Mascarenhas, Heloisa Marques, Gusmão e Romahs John Cardoso, também pela editora Reggo e Buriti: Arte e

Quadrinhos de Parintins.

Dando um enfoque amapaense, deve-se citar a regionalidade presente em *Capitão Açaí*, que ganhou leitores fervorosos no ano de 2023 também, herói que adora tomar açaí e dar aquela “momocada”, é chamada pelo prefeito amante de pizza de jambu a combater as *fake news* que espalharam a população de que não teria equinócio. Capitão Açaí, junto de seu parceiro Lamparina Verde e caranguejo, combatem o Potoqueiro Fantasma. Tais nomes dos personagens apresentam a quem vos lê a linguagem popular amapaense. Além disso, o cenário do quadrinho é composto por cartões postais macapaenses como o Marco Zero, patrimônio estadual, onde se pode assistir o equinócio acontecer no mês de março.

A cultura e as belezas do estado são cenário para os quadrinistas conhecidos e respeitados localmente, como Thai Rodrigues da página *Os desenhos da Thai*, o *Capitão Açaí* de Ronaldo Rony e Natalia Muniz, que publicou *O Jaguar* no ano de 2022, seguido pela publicação em 2023 de *Causos do Meio do Mundo: Sonhos* do coletivo AP Quadrinhos. Estas obras expressam a linguagem e o cenário amazônica de maneira singular, pois utilizam gírias e ambientações que somente quem já viu o rio Amazonas daqui saberá, a menos que procure saber. Este ano publicaram sua sequência, *Causos do Meio do Mundo 2*, vale acrescentar.

THAI RODRIGUES: UNIVERSALIDADE E CULTURA NORTISTA

Buscando essa alteração na forma de produzir saber, neste artigo utilizamos a linha feminista decolonial do livro *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais* (2020) organizado por Hollanda, do qual a socióloga, professora e feminista argentina María Lugones, entre outras, apontam o caminho para a quebra da opressão colonialista e patriarcal, que estão diretamente ligadas ao ocultamento de produções femininas na academia, nas artes e em tudo que se possa imaginar. Como afirma a escritora:

O método tem mostrado sua eficácia para complexificarmos a abordagem de temáticas muito amplas e variadas. Esses exercícios nos permitem intervir na rede de significações e consensos mais preciosos da razão feminista eurocêntrica, mostrando a parcialidade e a sobredeterminação de muitas das verdades validadas e universalizadas pela teoria e política feministas. (Lugones, p. 141, 2014)

Desse modo, apresento-lhes Thai Rodrigues, uma ilustradora e quadrinista amapaense do Coletivo Iukytaias, coletivo de ilustradoras e cartunistas de artistas do

Norte, que está presente nos estados do Amazonas, Amapá, Pará e Rondônia. A quadrinista compartilha sua jornada:

Em 2022 eu me juntei com outros artistas da região Norte, principalmente artistas de Manaus, e a gente resolveu criar um coletivo chamado Coletivo Yukitaias, que na verdade o termo Yukitaias é uma adaptação indígena do nome de Kitaia, que é aquela formiga que é muito comum na região Norte. A gente resolveu adaptar para um termo indígena justamente para popularizar, para falar sobre a importância de a gente não deixar a cultura morrer. (Entrevista concedida por Thai Rodrigues, no dia 24 de maio de 2024. Entrevistadora: Luhana Baddini Lucas Costa, Macapá, 2024.)

Podemos afirmar que os quadrinhos manauaras são potências na região, portanto, tal parceria enriquece as produções da artista amapaense, que não são ainda tão expressivas quanto (o que não quer dizer tão potentes quanto) aos dos nossos vizinhos de Manaus. A cultura nortista, mesmo que plural e particular de cada estado, possui de alguma maneira similaridades em sua essência, seja na comida, no misticismo e na conexão com a ancestralidade e com a natureza.

A ideia era que a gente pudesse falar de coisas, não necessariamente folclóricas, entre aspas aqui, folclóricas, porque tem muita essa premissa de que a gente aqui é da região Norte, a gente só pode produzir coisas desse tipo. (...) E daí a gente colheu os bônus, que foram as indicações das grandes premiações nacionais, como o Prêmio Leblanc, duas categorias do HQ Mix, que é a maior premiação de quadrinhos do Brasil. (Entrevista concedida por Thai Rodrigues, no dia 11 de julho de 2024. Entrevistadora: Luhana Baddini Lucas Costa, Macapá, 2024.)

Em relação a alteridade entre as quadrinistas Amazônidas e as mulheres que produzem quadrinhos no Eixo Sul e Sudeste e Thai Rodrigues explica: “A maior diferença está na facilitação para produzir. Tanto no sentido de ter mais gráficas, material etc, quanto em poder ir a eventos de quadrinhos para lançar esse material”. E Nat compartilha também seu posicionamento: Na minha opinião, eu não tenho tanta experiência pra falar porque eu consumo muito mais o conteúdo daqui do que o que vem de São Paulo e etc no quesito quadrinhos”.

Ambas autoras publicam suas obras na plataforma do Instagram que possui alcance não só na região, como em todo o Brasil, e, não somente pelo alcance das redes sociais, mas devido ao seu talento em disseminar a cultura amapaense e nortista de maneira cômica e singular, apresentando uma universidade da cultura nacional recorrente, como, por exemplo:

Figura 1: Ilustração de Thai



Fonte: Divulgado na rede social Instagram da autora @osdesenhosdathai.

A questão do abordada na tirinha, aponta as diferentes formas do ser humano lidar com o sol em diferentes regiões do Brasil. Assim, Thai demonstra que pode falar de assuntos diversos, que podem se relacionar à toda extensão do país, não somente no Norte.

Outro quadrinho que relaciona a universalidade de Thai Rodrigues conta a saga de gatos em relação a seus companheiros humanos. A HQ intitulada *Como Sobreviver a humanos sendo um gato*, de maneira cômica e pode ser lida por todas as idades e localidades, por meio de seu traço marcante e da perspectiva feminina, como os quadrinhos de Natalia Muniz.

As autoras representam uma transformação nos quadrinhos amapaenses, área predominantemente masculina e que, no sentido da decolonialidade, também esboçam um cenário fértil para o feminismo decolonial de diversas teóricas, como a Heloísa Buarque de Hollanda. A ensaísta, escritora, editora, crítica literária e pesquisadora explica:

O feminismo decolonial, privilegiando a contestação à colonialidade do saber, também aponta caminhos de avanço político agora na chave latino-americana. Propõe uma revisão epistemológica radical das teorias feministas eurocentradas, o que inclui o fim da divisão entre teoria e ativismo, característica de nossos feminismos desde sempre. (Hollanda, p. 15, 2020)

O exercício de se perguntar como chegamos a ser o que somos, acreditar no

que acreditamos, dizer o que dizemos, fazer o que fazemos abre as portas para pensarmos quais são os pilares sobre os quais se sustentam as práticas feministas de que fazemos parte. (Lugones, 2020)

No modelo do feminismo europeu, vemos a exclusão e a não representatividade das mulheres negras, ribeirinhas e indígenas e por conta dessa exclusão, a investigação de mulheres amapaenses que dão voz e registram a existência e resistência delas, para elas e por elas, é de extrema importância para a perpetuação feminina nos quadrinhos. Visto isso, apresento-lhes o quadrinho de caráter educativo publicado por Thai Rodrigues abaixo:

Figura 2: Print do Perfil das Redes Sociais da Thai



Fonte : Divulgado na rede social Instagram da autora, @osdesenhosdathai.

Os Povos originários estão presente em todo o território brasileiro, todavia, a falta de conhecimento de sua história, fisionomias e cultura são omitidas desde os primórdios da colonização no país. Nesse quadrinho publicado na página do Instagram, a ilustradora apresenta aos sujeitos que desconhecem que a fenótipo indígena é diverso e plural, de modo educativo e acessível.

Partindo dessa premissa, percebemos o cenário dos quadrinhos em toda sua história mundial, nacional e mesmo regional a perpetuação da voz masculina marcada

pela hipersexualização feminina e pela limitação representativa de mulheres. E quando analisamos o cenário dos quadrinhos nortistas não é diferente, Thai afirma:

Eu acho que por si só já é muito difícil trabalhar com quadrinhos sendo mulher. É uma cena muito masculina, é uma cena muito difícil no Brasil, e principalmente sendo da região Norte, porque a gente sabe que dentro da região temos alguns estados que são excluídos. (Entrevista concedida por Thai Rodrigues, no dia 24 de maio de 2024. Entrevistadora: Luhana Baddini Lucas Costa, Macapá, 2024.)

A criadora, ainda, conta que as expectativas para mulheres quadrinistas nortistas as enquadram em limitações de criações que certamente os homens não possuem a mesma cobrança:

É muito complicado produzir sendo mulher, porque eu fico dentro de vários estereótipos. Quando eu produzo porque eu sou mulher e sou da região Norte, o que as pessoas esperam de mim? Que eu faça coisas de mulher e que eu faça sobre a região Norte. Quando você é um quadrinista homem, você pode lançar qualquer trabalho relacionado a qualquer temática, que você vai ser só um quadrinista. Mas quando você é uma mulher nos quadrinhos, você é uma pessoa que obrigatoriamente tem que falar sobre a sua vivência sendo mulher e tudo mais. (Entrevista concedida por Thai Rodrigues, no dia 24 de maio de 2024. Entrevistadora: Luhana Baddini Lucas Costa, Macapá, 2024.)

Segundo a pesquisadora Rayanne Rodrigues dos Santos, através da cultura de massa, o corpo feminino passa a ser um componente fundamental na construção de uma cultura de objetificação da qual os indivíduos procuram disciplinar seus corpos:

O corpo feminino, quando passa por uma construção advinda da cultura de massa, adquire novos sentidos, como um padrão de beleza e sensualidade. Segundo Bourdieu (2012, p.131), esse corpo, dotado de sentidos diversos e valores simbólicos, apresenta-se como um objeto de trocas simbólicas, em que o sentido vem da sociedade masculina e estes utilizam como um instrumento de relação do homem com os elementos da cultura dominante masculina, e as histórias em quadrinhos "podem possibilitar compreender a construção do discurso sobre o corpo e as forças atuantes sobre ele" (Santos *apud.* Melo; Ribeiro, 2015, p. 109-110).

Dessa forma, as duas autoras, Natalia Muniz e Thai Rodrigues remam contra essa correnteza de machismo meio ao universo da nona arte e são aqui reconhecidamente artistas que fazem a diferença no território amapaense, mas também na dimensão regional, nacional e, pode-se, dizer mundial.

Figura 3: Ilustração da Thai



Fonte : Divulgado na rede social Instagram da autora, @osdesenhosdathai.

A criatividade de Thai, como o quadrinho acima, mostra que Thai apresenta em seus quadrinhos nostalgias em forma de pensamentos e memes que se mostram eficientes na descolonialidade do olhar, ao apresentar questões coletivas e cotidianas explorando as gírias e as vivências nortistas e, ao mesmo tempo, que quebram barreiras territoriais de maneira cômica muitas vezes, mas também autoexplicativas do Norte para o Brasil.

REPRESENTAÇÃO AMAZÔNICA E INOVAÇÃO EM NATALIA MUNIZ

A quadrinista Natalia Muniz é também professora de Artes Visuais e multi-artista. Atua na área de quadrinhos místicos e originais da vivência amapaense, que exploram o imaginário coletivo nortista a partir de lendas e crenças amazônidas. A autora, assim como eu, descobriu sua paixão por quadrinhos com *A Turma da Mônica*, começou reproduzindo os desenhos das revistinhas, até usar os personagens para criar suas próprias histórias.

Com o enfoque em gênero, vemos a representação da cultura amapaense no fanzine de Natalia Muniz intitulado *O Jaguadarte* (2022), que conta a jornada de uma heroína defendendo seu povo de uma cobra dourada, olhos brilhantes e dentes afiados. Baseada no poema homônimo de Lewis Carroll, adaptada ao contexto amazônico e protagonizada por seres místicos que habitam os rios.

A HQ de Natalia Muniz, anterior a essa, *Antes e Depois da Quarentena 2018-2021*, publicado de forma independente, traz um olhar sensível do ponto de vista das

sensações e aflições pessoais que ecoam no coletivo das vivências do período de pandemia global. Posterior ao contexto vivenciado exclusivamente pelo Amapá, em novembro de 2020, 13 de seus 16 municípios ficaram sem energia elétrica, em meio a maior crise sanitária global: a pandemia do Covid-19.

Também criadora de *O Sonho de uma máquina*, capítulo do compilado de quadrinhos oníricos da primeira edição do livro *Causos do Meio do Mundo: Sonhos* do coletivo AP Quadrinhos, mostra que sua perseverança no segmento gerou frutos. Essa HQ apresenta um universo futurístico em que o Amapá investe e atua em pesquisas científicas poderosas, por meio do Corpo Científico Amapaense (CPA). Nessa ficção científica, uma máquina é capaz de transmitir a imagem da perfeição e essa “visão do paraíso” se transforma na adoração dos seres humanos à máquina de Deus. O quadrinho é uma obra-prima especulativa e crítica da conjuntura contemporânea em que as relações entre as tecnologias e o homem geram dependência e doutrinação.

Figura 4: Ilustração da Natália Muniz



Fonte: Divulgado na rede social Instagram da autora, @nautadepegasus.

Figura 5: Ilustração da Natália Muniz



Fonte: Divulgado na rede social Instagram da autora, @nautadepegasus.

O espaço feminino na produção massificada de ficção científica é restrito, tendo como arquétipos sempre os mesmos, papéis rasos e pequenos visando entreter homens e não representar mulheres. Como exceção à regra, encontramos a obra de Natalia Muniz em sua contribuição significativa na criação de histórias que, além de precursoras quando se faz o recorte de gênero em HQs no estado, também convida, inspira e influencia outras mulheres e crianças a explorar o novo.

Em um depoimento de Natalia, ela afirmou que a quantidade de quadrinistas mulheres tem crescido nos últimos anos, mas afirma que o mesmo não está ocorrendo com os quadrinhos do norte no geral, que apesar de estarem ganhando espaço, ainda são escassos, se comparados com os do resto do Brasil. Natalia compartilha:

Eu também critico essa certa obrigatoriedade que existe em toda a arte nortista cair no regionalismo. Não que regionalismo seja ruim, mas é quase uma exigência do público sul/sudeste pra que um artista nortista seja aceito no meio, se torna quase como algo exótico. (Entrevista concedida por Natalia Muniz, no dia 21 de maio de 2024. Entrevistadora: Luhana Baddini Lucas Costa, Macapá, 2024.)

Natalia inspira-se em mangás japoneses, como grande parte dos quadrinistas, como na imagem abaixo. As imagens seguintes apresentam sua capacidade de inovar em seus desenhos e em suas histórias, conseguindo reproduzir desde produções

convencionais como a japonesa quanto criar animações engajadas no marketing como o pôster do maior fenômeno cinematográfico dos últimos anos, *Barbie* (2023), de Greta Gerwig:

Figura 7: Poster para o Cinépolis para o Filme da Barbie por Natália Muniz



Fonte: Pôster para o cinépolis no Garden Shopping para o filme Barbie. Divulgado na rede social Instagram da autora, @nautadepegasus.

A imagem acima apresenta a divulgação do filme feminista, premiado e destaque mundial por ter se tornado a maior bilheteria já vendida da história dos blockbusters, é um feito também histórico para a quadrinista amapaense. A arte gráfica de Nat aborda o feminismo de maneira acessível e cômica à população, que se diverte com a sua visão, nada regionalizada, de *Barbie*. Isso, porque, como a autora destacou, nem sempre é preciso regionalizar suas obras, não é uma obrigação, apesar da cobrança do público de fora.

A genialidade de Natalia Muniz, que da mesma forma de Thai, expõe suas ideias convergindo com as inseguranças e frustrações em ser mulher em uma sociedade que explora padrões de beleza em detrimento de oprimir e sexualizar figuras femininas. O quadrinho a seguir exprime a falta de autoestima associada à cobrança social de se encaixar em ideais estéticos. A artista compartilhou suas angústias com o mercado de quadrinhos e o que a faz produzir o que e como produz:

Uma das minhas maiores críticas nesse cenário é o fato da maior parte dos artistas se preocuparem mais com a fama do que com o conteúdo da arte e das

histórias em si. Isso é muito perceptível quando se ta inserido nesse contexto. Parece que se exige do artista algo que agrade a grande população quando na verdade eu só estou afim de contar as minhas histórias tranquilamente. (Entrevista concedida por Natalia Muniz, no dia 21 de maio de 2024. Entrevistadora: Luhana Baddini Lucas Costa, Macapá, 2024.)

Figura 8: Ilustração da Natália Muniz



Fonte: Divulgado na rede social Instagram da autora, @nautadepegasus.

A personagem da figura acima, é recorrente em sua página do Instagram como a personificação sem gênero de sentimentos e emoções cotidianas. Dessa maneira, pode-se afirmar que suas criações são igualmente universais em questões de gênero, ilustração, mas também não deixam de expressar a regionalidade, como na última figura, que mostra uma sátira sobre os pontos turísticos mais conhecidos de Macapá:

Figura 9: Ilustração da Natália Muniz



Fonte: Divulgado na rede social Instagram da autora, @nautadepegasus.

Quando questionada sobre as peculiaridades e dificuldades da região Norte

nas produções quadrinísticas, a autora afirma:

Eu acho que sim o regionalismo é uma característica que, querendo ou não, é intrínseca e todos os quadrinhos nortistas, mas não necessariamente acontece em todos. É bem difícil isso, porque cada artista tem o seu próprio estilo e temas que gosta de abordar, eu não sei se existe uma característica em comum de fato. (Entrevista concedida por Natalia Muniz, no dia 25 de julho de 2024. Entrevistadora: Luhana Baddini Lucas Costa, Macapá, 2024.)

As artes de Natalia Muniz e de Thai Rodrigues são tão plurais, expressando desde o mais regional da Amazônia, a pluralidade feminina, questões sociais nacionais e por que não globais? Como projeções do futuro imaginativo na ficção científica e na tirinha sobre gatos. A versatilidade das criações femininas nos quadrinhos amazônicos é sem dúvida destacável.

CONCLUSÃO

Os quadrinhos analisados são a prova de que o Norte produz conteúdo de qualidade e diversificado, que vão desde HQs de super-heróis sem uniforme, lendas das florestas e questões que derrubam barreiras geográficas. Portanto, a pluralidade nessas obras abordadas na presente pesquisa demonstra que o Norte só tende a avançar e se desenvolver cada vez mais na área dos quadrinhos.

Para finalizar, os quadrinhos femininos na Amazônia Oriental refletem as vivências, os desafios e as conquistas das mulheres da região. A produção quadrinística não apenas contribui para a cena cultural local, como também revisitam questões sociais e educacionais importantes, frequentemente invisibilizadas em outros meios de comunicação.

As quadrinistas da Amapá têm desempenhado um papel crucial na amplificação das vozes femininas, por meio de suas narrativas, elas abordam temas variados como a identidade cultural, questões genuinamente amazônicas no que diz respeito às práticas cotidianas, o feminismo, o misticismo regional e as tradições indígenas.

A indústria dos quadrinhos, predominantemente dominada por homens, pode apresentar resistências à inclusão de narrativas femininas, especialmente aquelas que desafiam estereótipos de gênero e culturais. Contudo, esse trabalho é essencial para a preservação e divulgação da cultura amapaense e amazônica, oferecendo uma perspectiva autêntica das vivências quadrinísticas femininas.

REFERÊNCIAS

ANGELIM, J. **A Nona Arte na Amazônia**. 9ª Arte, São Paulo, v. 7, n. 1-2, p. 73-83, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/nonaarte/article/view/157289>. Acesso em: MAR/2024.

AIDAIR, Laura. **História em Quadrinhos**. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/historia-em-quadrinhos> Acesso em: MAR/2024.

ARAÚJO, Sônia; CORDEIRO, Albert. **Entre a colonialidade e a decolonialidade: Memórias docentes na educação básica da Amazônia brasileira**. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-0411.85819> Acesso em: ABR/2024.

CATUNDA, Márcia Antônia Dias. **AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO INCENTIVO À LEITURA NAS CRIANÇAS: A REALIDADE EM ALGUMAS ESCOLAS DE FORTALEZA**. Fortaleza, 2013.

CHAGAS, Marco Antonio, FILOCREÃO, Antonio Sérgio Monteiro. **CENÁRIOS DE DESENVOLVIMENTO PARA O AMAPÁ 2020-2050**. REVISTA BRASILEIRA DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL, p. 158, 2019. Disponível em: <https://www2.unifap.br/ppgdas/files/2024/03/adminArtigo332019VF.pdf> Acesso em: ABR/2024.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais / organização e apresentação** Heloisa Buarque de Hollanda; autoras Adriana Varejão ... [et al.]. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

LUGONES, María. **Estudios Feministas: Rumo a um Feminismo Descolonial**. n. 4. Florianópolis: Revista Hypatia, 2014.

MASCARENHAS, Suely Aparecida do Nascimento, SILVA, Adan Renê Pereira da. **IMPLICAÇÕES DO PENSAMENTO DECOLONIAL PARA A EDUCAÇÃO AMAZÔNICA**. Revista Multidebates, v.2, n.2 Palmas-TO, 2018.

OLIVEIRA, Ivan Carlo Andrade de.; MOURA, Matheus; SENRA, Rafael (Orgs). **A linguagem dos quadrinhos**. Macapá: Cipó, 2020.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad de poder, eurocentrismo y América Latina**. In: Colonialidade del Saber, Eurocentrismo y Ciencias Sociales. 201-246. CLACSO-UNESCO, 2014, Buenos Aires.

VERSÃO INTEGRAL EM LÍNGUA INGLESA**Analysis of Northern HQs: Gender Representation in Amapaenses
Comics.****Luhana Baddini Lucas Costa³****Ivan Carlo Andrade de Oliveira⁴****INTRODUCTION**

In the vast universe of comics, the role of women and their representation have been increasingly discussed and explored. In the specific context of Amazonian comics, this discussion takes on even more relevance, as it is not only an artistic expression but also a reflection of the region's diversity and cultural narratives.

In this article, we will explore the intersection between the female genre and comics produced in Amapá and the Eastern Amazon, investigating how women are portrayed, their contributions to the medium, and the challenges faced by both female characters and the authors themselves in a setting often dominated by male perspectives. By delving into this analysis, we will seek not only to understand the representation of women in Amazonian comics but also to highlight the potential of these works to amplify voices, break down stereotypes, and promote greater inclusion and diversity within the world of comics.

Amidst a sea of commercial and standardized comics, some artists find a new audience thirsty for something more authentic, more profound. And so, in this vibrant Brazilian comics market, a new wave of inspiration and creativity emerges, demonstrating that it is possible to go beyond the obvious and the ordinary. Comics cease to be merely a form of entertainment and become a powerful tool for reflection and social and decolonial transformation.

Amazonian artists, once marginalized and discredited, become the new icons of the Brazilian cultural scene, inspiring an entire generation to seek something more than

³ Bachelor's degree in History from FURG, Rio Grande-RS. Specialist in Cultural Studies and Public Policy and undergraduate in Journalism from Unifap, Macapá-AP. E-mail: luhanasonha@gmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5676184466396357>; Orcid iD :

⁴ Journalist, PhD in Art and Visual Culture -UFG Goiânia, Goiás. Professor of the Journalism course at Macapá -AP. E-mail: profivancarlo@gmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7689186601810696>; Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-5471-1807>.

just what is offered in mass circulation. And thus, comics from Northern Brazil become a vehicle for change and renewal, opening space for new voices and new ideas to shine on the national artistic and literary scene.

To this end, we will use content analysis methodology through a detailed study of selected Amazonian comics, focusing on narrative, visual, and thematic aspects that contrast with the coloniality present in most national cultural products. Furthermore, the research includes interviews with comic book authors and illustrators from the region, in "Os Desenhos da Thai" and "Natalia Muniz," along with their notes and observations from their testimonies as participants in collectives, events, and discussions about comics in the Amazon.

DECOLONIALITY RELATED TO THE NINTH ART

Decolonial theories have gained prominence in recent decades, bringing new perspectives on history, culture, politics, and economics, especially from the experiences of colonized peoples. Several authors have contributed significantly to the development of this field, offering valuable and diverse perspectives on coloniality and its implications, enriching the field with their unique experiences and analyses of peoples whose culture, ethnicity, and customs were exterminated and omitted for centuries. Female comic artists, on the other hand, challenge hegemonic narratives and promote a more inclusive and complex understanding of global power dynamics.

My experience and introduction to the world of comics, like that of many Brazilians of my generation, began with reading Mauricio de Sousa's *Monica's Gang* comics. Even though Mauricio created his own style, blending comics and manga, it's still colonial, reflecting the culture of the Southeast. His team has even begun to address this. They're, for example, hiring writers from the North to write *Papacapim*. Thus, what led me to delve into comics—the nostalgic *Monica's Gang*—also fueled a restlessness to explore mystical stories more suited to the reality I live in, the Eastern Amazon, and raised by women like myself.

The growing need for comics in Brazil and around the world stemmed from men's creativity in expressing themselves, but it was also and continues to be used to disseminate knowledge and express opinions and criticism. As Márcia Catunda states:

According to Robson Santos Costa (2009), comics can be seen as yet another means by which humans express their feelings, beliefs, and values. Understanding their language and its unique characteristics is to understand

how this discursive genre operates in contemporary times, producing discourses and, consequently, memory, serving as yet another instrument in the construction of contemporary society. (Catunda, 2013)⁵

Thus, comics are a form of resistance and reaffirm existence. Thus, the memory of indigenous peoples and Amazonian mysticism are the main setting for comics from the North, as a way of preserving the knowledge of their ancestors. However, comics from Amapá demonstrate that, beyond this, there is a great deal of creativity in Amazonian cultural issues, encompassing not only what they hope to produce here (environmental issues), but also the possibility of producing something universal in the Amazon, as we will see in the following pages.

MAIN COMICS FROM AMAPÁ AND EASTERN AMAZON

To analyze Amazonian comics, we must understand that Western colonialism is responsible for their invisibility, caused by intrinsic sociocultural epistemicide. As researchers Suely Aparecida do Nascimento Mascarenhas and Adan Renê Pereira da Silva of the Federal University of Amazonas point out:

Epistemicide, viewed by Neves (2008, p. 1), generates a great loss of knowledge and affirms the modern world as an epistemological result of Europeans, in a "process as violent as it is systematic of disqualifying differentiated expressions of knowledge, responsible for coloniality," which survives in Latin American thought to this day. (Silva, Mascarenhas, 2018)⁶

Therefore, we must decolonize our perspective to realize that comic book production has its value and reflects the culture, customs, and beliefs neglected by mainstream media. The works analyzed here address current issues through the countless possibilities of their language, whether they be legends, Northern lifestyles, customs, gender inequality, urban violence, racism, or self-esteem.

Therefore, to avoid stereotypes of Indigenous, riverside, and quilombola peoples, we must encourage the artistic production of Northerners themselves. This is a practice of decolonial thinking, according to Silva and Mascarenhas:

(...) decoloniality can be a tool for rethinking relationships in society, since the coloniality of knowledge and existence itself even shapes subjectivities. Following Mascarenhas's (2017) approach, the author also sees a rise in the colonial paradigm today, calling it "internal colonialism": a new type of colonization engendered by neo-imperialism and globalization. (Silva;

⁵ Traduzido do Português para o Inglês.

⁶ Traduzido do Português para o Inglês.

Mascarenhas, 2018)⁷

This coloniality is capable of producing a kind of Amazonian fetishism, in which the forest and biodiversity are more important than the people who live within it. Amazonian comics are a powerful indicator and disseminator of Amazonian culture without stereotypes, as well as a tool capable of removing the peoples of the North from invisibility.

(...) colonialism in the past and coloniality in the present produce an epistemicide, that is, the systematic repression of beliefs, ideas, images, symbols or specific knowledge that did not serve for global colonial domination, is what Anibal Quijano (1992) denounces. (apud Silva; Mascarenhas, 2018)⁸

What does the Peruvian sociologist say about the imposition of the dominant groups' own standards of expression, as well as the imposition of their beliefs and images related to the supernatural, which not only impede the cultural production of the dominated but also serve as effective forms of social and cultural control when immediate repression, as the author emphasizes, ceases to be constant and systematic?

Colonialist sovereignty in comics is often seen when what we find in comics are heroes who fly, possess super-strength, or wear armor. However, comics with an Amazonian feel can be created with characters with these characteristics without being colonialist. Laerte's *OverMan* and *The Gralha* are non-colonialist examples, although unrelated to the Amazon.

In 2004, the magazine *Belém Imaginária* was published, notable for presenting readers with a fantastical and surrealist version of the city of Belém, Pará, blending real and imaginary elements in a plot full of mystery, adventure, and fantasy. This graphic novel is further proof of the growth and recognition of national comics, demonstrating that Brazil boasts a rich and diverse production in this medium.

This comic, created by Wolney Nazareno, Fernando Augusto, Carlos Paul, and Otoniel Oliveira, addresses the myths and legends of the Amazon in an accessible manner, without any attempt to teach the reader anything. The plot follows the life of Saulo, a boy from the capital of Pará, who wakes up in a completely different Belém, where animals walk, talk, and dress like humans, and where local scoundrels pursue him.

Therefore, this graphic novel is a great option for those seeking an engaging,

⁷ Traduzido do Português para o Inglês.

⁸ Traduzido do Português para o Inglês.

entertaining, and educational read. Combining story and illustration, this type of comic is a valuable tool for stimulating critical thinking, creativity, and interest in this underexplored genre.

Following the comics timeline, we can highlight 2019 with the publication of "A Última Flecha" by Emerson Medina and illustrated by Romahs Mascarenhas, by the São Paulo publisher Monomito. This year also saw the publication of "Captain Açaí," produced in Macapá by Ronaldo Rony.

The following year, amid the global pandemic, writers and artists produced on a large scale, as was the case with "Mao 39°," created by illustrator Romahs, Emerson Medina, Leomar Belém, Beatriz Mascarenhas, and Rafaela Pimentel and illustrated by Romahs, Gusmão Silva, Ircomix, Le Smile, Levi Gama, and Rodrigo Santarém in Manaus, by the publisher Reggo in 2020.

The same year that other Amazonian works were published, such as the aforementioned Conto do Mato volume 1, also featured other creators, including Lorena Souza, Ivanildo Barreto, Valdo Alves, and Lee Yami. During this intense year of production, the book A Juricaba by Ademar Vieira and Jucylande Júnior, a Black Eye Estúdio production, was released, and Sangue Branco by Cristofer Ferreira and Paulo Victor was produced with the support of call for proposals No. 007/2020 – the Manaus Cultural Connections Prize competition under the Aldir Blanc Law, in the literature category.

In 2020, the two volumes of Trovão, by Luiz Andrade, were released. Blending action, intrigue, and emotional drama, Trovão is a graphic novel that explores complex themes such as justice, friendship, and redemption. The production presents a reality of twists and turns, electrifying action, and a surprising ending. The sequel invites readers to delve into a world of danger, betrayal, and redemption, where only the strongest and bravest will survive.

There's also the iconic 2021 Book of Boats by Marsal Alves Branco, which tells the story of the year in which the protagonist, without telling anyone, takes his sailboat and sets sail across the world. Throughout this pocket-sized book, they share their experiences dealing with the challenges and difficulties of life on board, from bad weather to fixing the boat's mechanical problems. It also describes moments of solitude and introspection, which led them to reflect on the reasons that led them to embark on this journey. This comic transports the reader to a reality common to northerners, where boats

and canoes are part of everyday life and express the riverside culture and navigators of the world's largest river.

2021 was a period of intense production for northern comics, the year of the publication of the second volume of Tales of the Woods and Jungle Comix by Ademar Vieira, who already demonstrates his experience alongside his partners Romahs Mascarenhas, Valdo Alves, Jucylande Jr., and Cecília Frazão. And in 2022, the book Mao Pin was published by the authors already mentioned, Emerson Medina, Levi Gama, Rafa Pimentel, Beatriz Mascarenhas, Heloisa Marques, Gusmão and Romahs John Cardoso, also by the publisher Reggo and Buriti: Art and Comics of Parintins.

Taking an Amapá perspective, it's worth noting the regional character of Captain Açaí, which also gained a fervent readership in 2023. A hero who loves açaí and "momocada" (a type of "momocada"), is called upon by the jambu pizza-loving mayor to combat the fake news that spread among the population that there would be no equinox. Captain Açaí, along with his partner Lamparina Verde and a crab, fight the Ghost Potoqueiro. These character names introduce the reader to the popular Amapá language. Furthermore, the comic's setting is made up of Macapá landmarks such as Marco Zero, a state heritage site, where one can watch the equinox occur in March.

The state's culture and beauty are the backdrop for locally renowned and respected comic artists, such as Thai Rodrigues of the page "Os Desenhos da Thai" (Thai's Drawings), Captain Açaí by Ronaldo Rony, and Natalia Muniz, who published "O Jaguarate" in 2022, followed by the 2023 publication of "Causos do Meio do Mundo: Sonhos" (Stories from the Middle of the World: Dreams) by the AP Quadrinhos collective. These works express the language and landscape of the Amazon in a unique way, using slang and settings that only those who have seen the Amazon River from here will understand, unless they seek to learn. This year, they published their sequel, "Causos do Meio do Mundo 2," it's worth adding.

THAI RODRIGUES: UNIVERSALITY AND NORTHERN CULTURE

Seeking this shift in the way we produce knowledge, this article draws on the decolonial feminist approach of the book "Feminist Thought Today: Decolonial Perspectives" (2020), edited by Hollanda. In it, the Argentine sociologist, professor, and feminist María Lugones, among others, points the way to breaking colonialist and

patriarchal oppression, which are directly linked to the concealment of women's work in academia, the arts, and everything imaginable. As the author states:

The method has shown its effectiveness in complexifying the approach to very broad and varied themes. These exercises allow us to intervene in the network of meanings and most precious consensuses of Eurocentric feminist reason, revealing the partiality and overdetermination of many of the truths validated and universalized by feminist theory and politics. (Lugones, p. 141, 2014)⁹

Thus, I introduce you to Thai Rodrigues, an illustrator and cartoonist from Amapá, part of Coletivo Iukytaias, a collective of illustrators and cartoonists from the North, with a presence in the states of Amazonas, Amapá, Pará, and Rondônia. The cartoonist shares her journey:

In 2022, I joined forces with other artists from the North region, mainly artists from Manaus, and we decided to create a collective called Coletivo Yukitaias. The term Yukitaias is actually an Indigenous adaptation of the name Kitaia, an ant very common in the North region. We decided to adapt it to an Indigenous term precisely to popularize it, to talk about the importance of not letting the culture die. (Interview by Thai Rodrigues, May 24, 2024. Interviewer: Luhana Baddini Lucas Costa, Macapá, 2024.)

We can say that Manaus comics are a powerful force in the region. Therefore, this partnership enriches the productions of this artist from Amapá, which are not yet as expressive as (which does not mean as powerful as) those of our neighbors in Manaus. Northern culture, even though plural and particular to each state, has some similarities in its essence, whether in food, mysticism, or connection with ancestry and nature.

The idea was that we could talk about things, not necessarily folkloric—in quotation marks, folkloric—because there's this assumption that we're from the North, we can only produce things like that. (...) And then we reaped the rewards, which were nominations for major national awards, like the Leblanc Award, two categories of the HQ Mix, which is the largest comics award in Brazil. (Interview by Thai Rodrigues, July 11, 2024. Interviewer: Luhana Baddini Lucas Costa, Macapá, 2024.)¹⁰

Regarding the otherness between Amazonian comics artists and women producing comics in the South and Southeast regions, Thai Rodrigues explains: "The biggest difference is the ease of production. Both in terms of having more printers, materials, etc., and being able to attend comics events to launch this material." And Nat also shares his position: In my opinion, I don't have much experience to speak because I consume much more content from here than from São Paulo and so on in terms of

⁹ Traduzido do Português para o Inglês.

¹⁰ Traduzido do Português para o Inglês.

comics.”

Both authors publish their works on the Instagram platform, which has reach not only in the region, but throughout Brazil. This is not only due to the reach of social media, but also due to their talent for disseminating Amapá and Northern culture in a comical and unique way, presenting a university of recurring national culture, such as:

Figure 1: Illustration by Thai



Source: Published on the author's Instagram account @osdesenhosdathai.

The issue addressed in the strip highlights the different ways humans deal with the sun in different regions of Brazil. Thus, Thai demonstrates that she can address diverse topics that can be related to the entire country, not just the North.

Another comic strip that captures Thai Rodrigues' universality tells the story of cats in relation to their human companions. The comic, titled "How to Survive Humans Being a Cat," is comically readable by all ages and locations, through its striking style and feminine perspective, much like Natalia Muniz's comics.

The authors represent a transformation in comics from Amapá, a predominantly male-dominated field that, in terms of decoloniality, also outlines a fertile landscape for the decolonial feminism of various theorists, such as Heloísa Buarque de Hollanda. The essayist, writer, editor, literary critic, and researcher explains:

Decolonial feminism, prioritizing the challenge to the coloniality of knowledge, also points to paths for political advancement, now within a Latin American context. It proposes a radical epistemological revision of Eurocentric feminist theories, which includes ending the division between theory and activism, a hallmark of our feminisms since the beginning.

(Hollanda, p. 15, 2020)¹¹

The exercise of asking ourselves how we became who we are, believed what we believe, said what we said, and did what we did opens the door to reflecting on the pillars on which the feminist practices of which we are a part are based. (Lugones, 2020)

In the European feminist model, we see the exclusion and lack of representation of Black, riverside, and Indigenous women. Because of this exclusion, the investigation of women from Amapá who give voice and record their existence and resistance, for them and by them, is extremely important for the perpetuation of women in comics. With that in mind, I present to you the educational comic strip published by Thai Rodrigues below:

Figure 2: Printout of Thai's Social Media Profile



Source: Published on the author's Instagram account, @osdesenhosdathai.

Indigenous Peoples are present throughout Brazil, yet a lack of knowledge about their history, physiognomies, and culture has been overlooked since the country's early colonization. In this comic book published on her Instagram page, the illustrator presents to those unaware that the Indigenous phenotype is diverse and plural, in an

¹¹ Traduzido do Português para o Inglês.

educational and accessible way.

Based on this premise, we see the perpetuation of the male voice in comics throughout its global, national, and even regional history, marked by the hypersexualization of women and the limited representation of women. And when we analyze the Northern comics scene, it's no different. Thai states:

I think it's already very difficult to work in comics as a woman. It's a very masculine scene, it's a very difficult scene in Brazil, especially coming from the North, because we know that within the region, we have some states that are excluded. (Interview given by Thai Rodrigues, on May 24, 2024. Interviewer: Luhana Baddini Lucas Costa, Macapá, 2024.)¹²

The creator also explains that expectations for female comic artists from the North place them within limitations on their creative potential, which certainly aren't met with the same expectations for men:

It's very difficult to produce as a woman, because I fit into so many stereotypes. When I produce because I'm a woman and I'm from the North, what do people expect of me? That I create women's work and that I create work about the North. When you're a male comic artist, you can release any work related to any theme, and you'll just be a comic artist. But when you're a woman in comics, you're someone who necessarily has to talk about your experience as a woman and everything else. (Interview by Thai Rodrigues, May 24, 2024. Interviewer: Luhana Baddini Lucas Costa, Macapá, 2024.)¹³

According to researcher Rayanne Rodrigues dos Santos, through mass culture, the female body becomes a fundamental component in the construction of a culture of objectification in which individuals seek to discipline their bodies:

The female body, when constructed by mass culture, acquires new meanings, as a standard of beauty and sensuality. According to Bourdieu (2012, p. 131), this body, endowed with diverse meanings and symbolic values, presents itself as an object of symbolic exchange, where meaning comes from male society and is used as an instrument for men's relationship with the elements of male-dominant culture. Comic books "can enable us to understand the construction of discourse about the body and the forces acting upon it" (Santos apud. Melo; Ribeiro, 2015, p. 109-110).¹⁴

Thus, the two authors, Natalia Muniz and Thai Rodrigues, swim against this current of machismo amidst the world of the ninth art and are recognized artists who make a difference in the state of Amapá, but also regionally, nationally, and, one might even say, globally.

¹² Traduzido do Português para o Inglês.

¹³ Traduzido do Português para o Inglês.

¹⁴ Traduzido do Português para o Inglês.

Figura 3: Ilustração da Thai



Source: Published on the author's Instagram account, @osdesenhosdathai.

Thai's creativity, like the comic strip above, demonstrates that her comics present nostalgia in the form of thoughts and memes that effectively decolonially reflect the perspective, presenting collective and everyday issues by exploring Northern slang and experiences. At the same time, they break down territorial barriers in a comical, often self-explanatory way, often from the North to Brazil.

AMAZONIAN REPRESENTATION AND INNOVATION IN NATALIA MUNIZ

Comic artist Natalia Muniz is also a Visual Arts professor and multi-artist. She works in the field of mystical and original comics about the Amapá experience, exploring the collective imagination of the North through Amazonian legends and beliefs. The author, like me, discovered her passion for comics with A Turma da Mônica, she started reproducing the drawings from the comics, until she used the characters to create her own stories.

With a focus on gender, we see the representation of Amapá culture in Natalia Muniz's fanzine, titled O Jaguadarte (2022), which tells the story of a heroine defending her people from a golden snake with glowing eyes and sharp teeth. Based on the poem of the same name by Lewis Carroll, it was adapted to the Amazonian context and starred mystical beings who inhabit the rivers.

Natalia Muniz's previous graphic novel, Antes e Depois da Quarentena 2018-2021, published independently, offers a sensitive perspective on the personal sensations

and afflictions that echo within the collective experiences of the global pandemic. Following the situation experienced exclusively by Amapá, in November 2020, 13 of its 16 municipalities were left without electricity amid the greatest global health crisis: the COVID-19 pandemic.

She also created "The Dream of a Machine," a chapter of the compilation of dreamlike comics from the first edition of the book "Causos do Meio do Mundo: Sonhos" by the AP Quadrinhos collective. She demonstrates that her perseverance in the field has borne fruit. This comic presents a futuristic universe in which Amapá invests and engages in powerful scientific research through the Amapá Scientific Body (CPA). In this science fiction, a machine is capable of transmitting the image of perfection, and this "vision of paradise" transforms into human worship of God's machine. The comic is a speculative masterpiece, critical of the contemporary situation in which the relationship between technology and humanity generates dependence and indoctrination.

Figure 4: Illustration by Natália Muniz



Source: Published on the author's Instagram account, @nautadepegasus.

Figure 5: Illustration by Natália Muniz



Source: Published on the author's Instagram account, @nautadepegasus.

The female role in the mass production of science fiction is restricted, with the archetypes always the same, shallow and small roles intended to entertain men and not represent women. As an exception to the rule, we find the work of Natalia Muniz, with her significant contribution to creating stories that, besides being pioneers when it comes to gender bias in comics in the state, also invite, inspire, and influence other women and children to explore new things.

In a statement by Natalia, she stated that the number of female comic artists has grown in recent years, but claims that the same isn't happening with comics from the North in general, which, despite gaining ground, are still scarce compared to those from the rest of Brazil. Natalia shares:

I also criticize this certain obligation that exists in all Northern art to fall into regionalism. Not that regionalism is bad, but it's almost a demand from the South/Southeast audience for a Northern artist to be accepted in the field; it becomes almost exotic. (Interview given by Natalia Muniz, May 21, 2024. Interviewer: Luhana Baddini Lucas Costa, Macapá, 2024.)¹⁵

Natalia draws inspiration from Japanese manga, like most comic artists, as in the image below. The following images demonstrate her ability to innovate in her designs

¹⁵ Traduzido do Português para o Inglês.

and stories, managing to reproduce both conventional productions like the Japanese one and create animations engaging in marketing, such as the poster for the biggest cinematic phenomenon of recent years, *Barbie* (2023), by Greta Gerwig:

Figure 7: Cinépolis Poster for the Barbie Movie by Natália Muniz



Source: Poster for Cinépolis at Garden Shopping for the movie *Barbie*.
Published on the author's Instagram account, @nautadepegasus.

The image above showcases the promotion for the award-winning feminist film, which became the highest-grossing blockbuster in history. It's also a historic achievement for the comic artist from Amapá. Nat's graphic art addresses feminism in an accessible and comical way, amusing the public with her non-regionalized vision of Barbie. This is because, as the author emphasized, it's not always necessary to regionalize one's works; it's not an obligation, despite the demands of foreign audiences.

The genius of Natalia Muniz, who, like Thai, expresses her ideas by converging with the insecurities and frustrations of being a woman in a society that exploits beauty standards to the detriment of oppressing and sexualizing female figures. The following comic expresses the lack of self-esteem associated with the social pressure to conform to aesthetic ideals. The artist shared her anxieties about the comics market and what makes her produce what and how she produces:

One of my biggest criticisms in this scenario is that most artists are more concerned with fame than with the content of their art and stories themselves.

This is very noticeable when you're in this context. It seems like artists are expected to do something that pleases the general public, when in reality, I just want to tell my stories in peace. (Interview by Natalia Muniz, May 21, 2024. Interviewer: Luhana Baddini Lucas Costa, Macapá, 2024.)¹⁶

Figure 8: Illustration by Natália Muniz



Source: Published on the author's Instagram account, @nautadepegasus.

The character in the figure above recurs on her Instagram page as a genderless personification of everyday feelings and emotions. Thus, it can be said that her creations are equally universal in terms of gender and illustration, but they also express regionality, as in the last figure, which shows a satire on Macapá's most famous tourist attractions:

Figure 9: Illustration by Natália Muniz



Source: Published on the author's Instagram account, @nautadepegasus.

¹⁶ Traduzido do Português para o Inglês.

When asked about the peculiarities and difficulties of the North region in comic book productions, the author states:

I think that regionalism is a characteristic that, like it or not, is intrinsic to all Northern comics, but not necessarily present in all of them. It's very difficult, because each artist has their own style and themes they like to address. I don't know if there's a common characteristic. (Interview granted by Natalia Muniz, on July 25, 2024. Interviewer: Luhana Baddini Lucas Costa, Macapá, 2024.)¹⁷

Natalia Muniz and Thai Rodrigues' art is so diverse, expressing everything from the most regional aspects of the Amazon, feminine plurality, national social issues, and why not global ones? Like projections of the imaginative future in science fiction and cat comics. The versatility of female creations in Amazonian comics is undoubtedly remarkable.

CONCLUSION

The comics analyzed are proof that the North produces quality and diverse content, ranging from comics featuring superheroes without costumes, forest legends, and issues that break down geographical barriers. Therefore, the diversity of these works covered in this research demonstrates that the North will only continue to advance and develop further in the field of comics.

Finally, women's comics in Eastern Amazonia reflect the experiences, challenges, and achievements of women in the region. Comic production not only contributes to the local cultural scene but also revisits important social and educational issues often overlooked in other media.

Comic artists from Amapá have played a crucial role in amplifying women's voices. Through their narratives, they address a variety of topics such as cultural identity, authentic Amazonian issues regarding daily practices, feminism, regional mysticism, and indigenous traditions.

The comics industry, predominantly dominated by men, can be resistant to the inclusion of female narratives, especially those that challenge gender and cultural stereotypes. However, this work is essential for the preservation and dissemination of Amapá and Amazonian culture, offering an authentic perspective on women's comic book experiences.

¹⁷ Traduzido do Português para o Inglês.

REFERENCES

ANGELIM, J. **A Nona Arte na Amazônia**. 9ª Arte, São Paulo, v. 7, n. 1-2, p. 73-83, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/nonaarte/article/view/157289>. Acesso em: MAR/2024.

AIDAIR, Laura. **História em Quadrinhos**. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/historia-em-quadrinhos> Acesso em: MAR/2024.

ARAÚJO, Sônia; CORDEIRO, Albert. **Entre a colonialidade e a decolonialidade: Memórias docentes na educação básica da Amazônia brasileira**. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-0411.85819> Acesso em: ABR/2024.

CATUNDA, Márcia Antônia Dias. **AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO INCENTIVO À LEITURA NAS CRIANÇAS: A REALIDADE EM ALGUMAS ESCOLAS DE FORTALEZA**. Fortaleza, 2013.

CHAGAS, Marco Antonio, FILOCREÃO, Antonio Sérgio Monteiro. **CENÁRIOS DE DESENVOLVIMENTO PARA O AMAPÁ 2020-2050**. REVISTA BRASILEIRA DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL, p. 158, 2019. Disponível em: <https://www2.unifap.br/ppgdas/files/2024/03/adminArtigo332019VF.pdf> Acesso em: ABR/2024.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais / organização e apresentação Heloisa Buarque de Hollanda; autoras Adriana Varejão ... [et al.]**. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

LUGONES, María. **Estudios Feministas: Rumo a um Feminismo Descolonial**. n. 4. Florianópolis: Revista Hypatia, 2014.

MASCARENHAS, Suely Aparecida do Nascimento, SILVA, Adan Renê Pereira da. **IMPLICAÇÕES DO PENSAMENTO DECOLONIAL PARA A EDUCAÇÃO AMAZÔNICA**. Revista Multidebates, v.2, n.2 Palmas-TO, 2018.

OLIVEIRA, Ivan Carlo Andrade de.; MOURA, Matheus; SENRA, Rafael (Orgs). **A linguagem dos quadrinhos**. Macapá: Cipó, 2020.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad de poder, eurocentrismo y América Latina**. In: Colonialidade del Saber, Eurocentrismo y Ciencias Sociales. 201-246. CLACSO-UNESCO, 2014, Buenos Aires.